

dicotomia formal/informal. As autoras não aceitam o entendimento do informal como simples alternativa ao desemprego e consideram também a possibilidade de se constituir em um projeto de ascensão social. Os resultados apresentados confirmam o perfil da trabalhadora apontado por Abreu e Sorj (cap. 3): mulheres vivendo com o companheiro/marido, com filhos menores de 14 anos e na faixa etária de mais de 40 anos, na sua maioria. Do ponto de vista do mercado de trabalho, a pesquisa reforça o entendimento do trabalhador autônomo como o mais importante representante da informalidade: possuidor de instrumentos de trabalho e impondido barreiras à entrada em cada espaço produtivo. O informal evidencia-se mais uma vez como incapaz de se constituir em um imenso colchão pronto a resolver periodicamente (e como desejariam alguns permanentemente) os problemas de desemprego.

Sem dúvida esse livro vem preencher uma lacuna sobre a atualidade do mundo do trabalho, fornecendo pistas importantes para um melhor entendimento da conformação dos mercados de trabalho no Brasil, nestes tempos de reestruturação industrial e busca de qualidade. A lição central do livro a meu ver é evidenciar de forma cabal a diversidade presente no trabalho doméstico e a impossibilidade de obtermos informações necessárias a partir das estatísticas disponíveis hoje no Brasil. Portanto, se constitui num legítimo convite a novos estudos de casos. Cabe a nós pesquisadores da área atendermos ao chamado das organizadoras do livro para um aquecimento do interesse acadêmico sobre a temática. Com certeza conseguiremos, como este livro faz muito bem, conferir maior visibilidade a estes trabalhadores.

LIANA MARIA DA FROTA CARLEIAL ■

Poder, mistério e transgressão

Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição

MALUF Sonia

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187 p.

Esta obra, premiada antes mesmo de virar livro, tem todas as qualidades de um clássico e em escrita seu tema (neste caso **narrativas**) antecipa de vários anos as novas preocupações do campo intelectual e pauta um distanciamento crítico e uso judicioso das diversas teorias expostas.

Nas primeiras páginas do livro, a autora nos leva para os caminhos da Lagoa da Conceição, uma pequena comunidade de pescadores e agricultores, hoje transformados em faxineiros e trabalhadores da construção civil, na ilha de Florianópolis. Na melhor das tradições etnográficas, nos apresenta os diferentes personagens: de vovós ainda vivendo nos velhos engenhos, a surfistas inteiramente voltados para os modismos da cultura global, para nos transmitir a realidade heterogênea e cambiante da Lagoa. Com a

descrição dos territórios masculino e feminino, das práticas de namoro e casamento, dos lugares de sociabilidade e da divisão moral de trabalho, a autora já começa a esboçar uma das teses principais do livro: *A Força Feminina que Permeia a Vida Cotidiana Apesar da Ideologia Aparentemente Patriarcal*. Mas é na análise das histórias de bruxaria que descobrimos a plena pertinência deste tema.

Sintetizando diversos teóricos que estudam o assunto de Propp a Todorov, a autora define **narrativas** enquanto uma forma de discurso de caráter figurativo, onde são contadas histórias envolvendo personagens e construídas a partir de um encadeamento de ações com início, meio e fim. E no desenvolvimento do enredo dramático da narrativa que, segundo Maluf, podemos descobrir os significados subjacentes ao imaginário dos nativos e às simbolizações que não estão presentes no discurso conscientemente manipulado.

Aborda este assunto primeiro pela consideração das diferenças significativas entre os relatos masculinos e femininos. A história masculina típica é sobre um bando de mulheres, geralmente despidas, que invade, sob cobertura da noite, o barco dos pescadores, e sobre a coragem investigativa do pescador que segue as

escondidas das bruxas descobrindo suas identidades humanas e assim desfazendo o poder de seu encanto. A história feminina descreve crianças adoentadas por bruxaria e mães persistentes que geralmente com a ajuda de uma benzedeira acabam desfazendo o embruxamento e salvando a vida da criança. Por um lado o temor dos homens diante da presença feminina no seu território por outro uma luta entre mulheres travada dentro do lar, um espaço propriamente feminino. Por um lado uma organização **epistêmica** da narrativa (em que segundo Todorov o que prevalece é a busca do conhecimento) por outro lado a organização **mitológica** da narrativa (a sucessão pela negação em que um estado ou ação é substituído pelo seu contrário) (Acrescentaria eu que o homem se constrói enquanto herói solitário lá onde a mulher descreve tanto o perigo quanto sua própria ação heroica em função de um mundo relacional).

Dessa primeira parte da análise narrativa em que a ênfase cai nas diferenças significativas entre as histórias segundo quem conta (homem ou mulher, velho ou jovem, nativo ou estrangeiro) e as circunstâncias da *performance* passamos para uma análise sobre temas e elementos recorrentes em quase todos os relatos indicativos da cosmologia dos nativos. Aqui descobrimos que as histórias sobre bruxas contadas pelos moradores da Lagoa não são mais do que uma forma de falar sobre sua própria vida, suas relações sociais, seus papéis diferentes.

Nessas histórias a bruxa, embora raramente nomeada, e sempre tida como uma das vizinhas, isto é, uma **mulher** da comunidade que age de forma inconsciente e involuntária. Assim, a bruxa seria uma expressão radical e descontrolada das características que, na visão dessa sociedade, toda mulher traz dentro de si (p. 102). Apesar de apelar para clássicos tais como Mary Douglas e Victor Turner, a autora evita os ardis da análise estruturalista que tende a achatá-las, as diferenças culturais em modelos universalizantes. Ao nos remeter à descrição etnográfica das primeiras páginas, lembra que na vida cotidiana dos moradores da Lagoa da Conceição o espaço doméstico constitui um mundo dominado por mulheres¹, um mundo, porém, do qual os homens dependem. As mulheres são vistas como pertencentes a um mun-

do desconhecido dos homens e que muitas vezes escapa aos modelos que a sociedade construiu para elas. Não sendo este poder feminino aceito enquanto autoridade legítima, precisa ser elaborado. A imagem da bruxa, com sua mistura de poder, mistério e transgressão, é fruto por excelência desta elaboração.

Se o livro terminasse aqui já seria uma valiosa contribuição ao estudo das relações de gênero. Mas Sonia Maluf vai um passo adiante: esse passo esse que extrapola a discussão masculino/feminino e demonstra a relevância destas reflexões sobre gênero para temas fundamentais das ciências sociais. Nos últimos capítulos do livro reitera sua rejeição a qualquer interpretação que pinta crenças em bruxaria como resquício do passado ou fruto de ignorância. Revela como na Lagoa da Conceição essas crenças são ligadas a elementos fundamentais de uma identidade de grupo e esta, por sua vez, se remete a uma forma da cultura popular contemporânea.

A autora sublinha a contemporaneidade dessas crenças paradoxalmente através da comparação com a bruxaria europeia medieval. Apesar de inúmeras semelhanças *morfológicas* entre as bruxas europeias e lagoenses (ambas usam unguentos para fazer voos noturnos, ambas entram pelas fechaduras das casas para atacar crianças etc. etc.) existe uma diferença fundamental. A figura do diabo, que sobressai nos relatos europeus, está totalmente ausente das da Lagoa da Conceição.

Para localizar as raízes desta figura essencialmente masculina, Maluf recorre à historiografia europeia, descobrindo que o diabo não era uma figura proeminente nos cultos medievais de bruxos e só veio a estabelecer uma certa ascendência sobre o mundo sobrenatural com a Inquisição. O diabo foi, de certa forma, uma imposição das teorias dos teólogos católicos, isto é, da cultura da elite sobre as crenças populares. Era óbvio para os inquisidores que, como na cosmologia ortodoxa, lá onde havia bruxas, tinha que haver seu líder, o diabo. Eles, como aliás a maioria dos historiadores pré-contemporâneos, nunca cogitaram a possibilidade de uma cultura popular com visões de mundo e cosmologia próprias. Paradoxalmente, essa ideologia que vê as classes subalternas como portadoras de uma cultura pobre, fragmentada, desprovida de significação original acabou, no caso europeu, por criar a realidade que pretendia retratar: a negação persistente de qualquer coerência das crenças populares facilitou a desagregação da cultura

¹É significativo que nos relatos femininos a benzedeira também toda mulher em potencial usa justamente os talentos do mundo doméstico (cozinhar, cozinhar, limpar) para exercer os poderes do bem e combater os efeitos malefícios da bruxaria.

popular consolidando a hegemonia do pensamento erudito)

A esta análise Maluf contrapõe autores como Ginsburg que na sua descrição dos *benandanti* os bruxos do bem de um culto agrário medieval desenvolve o tema não somente de uma cosmologia popular original mas também da influência necessariamente recíproca entre a alta cultura e a cultura popular. A ideia da circularidade entre níveis culturais cunhada por Bakhtin serve aqui para sublinhar um processo de mão dupla que acaba com noções simplistas sobre hegemonia da cultura dominante ao mesmo tempo que batiza qualquer pretensão de autonomia da cultura popular.

A aplicação dessas reflexões a pergunta original por que não tem diabo nas narrativas lagoenses leva Maluf a apoiar a hipótese da historiadora Laura Mello e Souza na medida em que a denominação da bruxaria é um produto intelectual do pensamento erudito o que se perpetua a partir do imaginário colonial [*bras-leiro*] e até hoje são as crenças e pensamentos mais ligados ao universo popular (p. 159). E é com esta mensagem que termina o livro. Nem todo mundo na Lagoa da Conceição conta a mesma história nem todo mundo assume a crença em bruxas com a mesma franqueza. Mas todos têm um certo envolvimento pessoal nas histórias que contam. Todos assumem no nível narrativo do discurso a vivência direta ou através de uma pessoa próxima de uma situação de bruxaria. Especialmente no mundo complexo de hoje as narrativas marcam desta forma a sua contemporaneidade com o presente como articuladores simbólicos de fronteiras como fator constituinte da identidade entre os moradores da comunidade.

Este livro alimenta diversos debates atualmente em andamento. Dialoga perfeitamen-

te por exemplo com o trabalho de Ondina Fachel Leal sobre a construção da identidade masculina na cultura gaúcha². Também traz ricos *insights* para a discussão em torno de Gênero em narrativas que está sendo travada entre colaboradores do Centro Pagu na UNICAMP e que constituirá o tema de um Grupo de Trabalho na XIX Reunião da Associação de Antropologia (Niterói) sob a coordenação de Suely Kofes. Inspira reflexões também sobre o caráter propriamente oral das narrativas sobre bruxaria e as implicações de um folclore feminino³.

O livro é de uma riqueza surpreendente serve para aprofundar discussões analíticas ensinar a antropologia na sala de aula (entre outras coisas como modelo de uma tese exemplar) ou para encantar um público leigo. (Deixado em um canto da casa de praia foi devorado por minhas sobrinhas adolescentes uma atrás da outra.) E com livros desta qualidade que o nosso campo estudos de gênero deixará sua marca no mundo acadêmico e oxalá na sociedade civil.

²Ver *The Gauchos: male culture and identity in the Pampa*. Dissertação de Ph.D. em Antropologia Universidade de California Berkeley 1989 e *O Mito da Salamandra: a constituição do sujeito masculino na cultura gaúcha*. *Cadernos de Antropologia* 7 p. 7-14 1992.

³A tentativa seria de achar a contrapartida feminina a análise de BAUMAN Richard *Story Performance and Event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press 1986. Ver também OLSON David & TORRANCE Nancy (org.) *Literacy and orality*. Cambridge: Cambridge University Press 1991.

CLAUDIA FONSECA ■

A produção da inocência

Adolescência, Sexualidade e Culpa

DESSER Nanete Avila
Rio de Janeiro Rosa dos Tempos/Brasília
Fundação Universidade de Brasília 1993

Por que cada vez mais adolescentes urbanas ficam grávidas sem desejar? Em busca da

resposta para esta questão Nanete Avila Desser conduziu uma pesquisa com 24 adolescentes dos estratos médio e operário das zonas norte, sul e oeste da cidade do Rio de Janeiro. Ouviu filhas de operários pertencentes a dois subgrupos: um com família nuclear íntacta e outro apenas com mães chefes de famílias. Trabalhou com entrevistas em profundidade procurando desvendar nos discursos das adolescentes com pelo menos uma experiência de gravidez o significado de